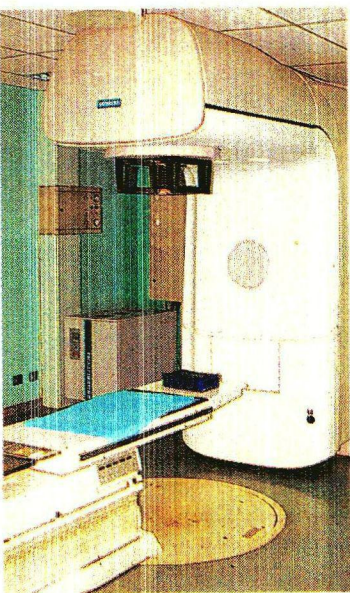


Acelerador linear do Hospital de Base, único da rede pública do DF, quebra mais uma vez e deixa sem atendimento pacientes com câncer que precisam do tratamento. Não há previsão para o conserto



Radioterapia do HBB pára de novo

MARCELA DUARTE
DA EQUIPE DO CORREIO

Pelo menos 84 pacientes com câncer que dependem do atendimento público de saúde estão sem fazer o tratamento em hospitais do DF. O único acelerador linear, aparelho que produz a energia das radiações usadas em sessões de radioterapia, que fica no Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF), está quebrado desde a última quinta-feira. De acordo com a direção do HBDF, técnicos foram chamados e identificaram a peça quebrada, mas não há previsão para o conserto. Promotores do Ministério Público do Distrito Federal pediram à Secretaria de Saúde um plano de atendimento aos pacientes e querem uma previsão para a solução do problema.

“Não importa se eles vão pagar o atendimento em hospitais particulares conveniados ou vão levar os pacientes para fora do DF para fazer o tratamento. O que não pode é deixar os pacientes esperando”, determinou a promotora Cátia Gisele Vergara, da promotoria de Defesa da Saúde. Em março, a mesma máquina que está quebrada ficou parada porque ratos roeram a fiação do aparelho (leia memória). Especialistas apontam que a interrupção do tratamento por mais de sete dias pode significar danos para a saúde do paciente e até a perda da possibilidade de cura quando o estado da doença é avançado.

Há três meses, Maria da Glória Souza, 48 anos, moradora do Gama, passou por uma cirurgia

Fotos: Paulo de Araújo/CB



MARIA DA GLÓRIA (E) PRECISA DE 25 SESSÕES DE RADIOTERAPIA E TEVE DE INTERROMPER O TRATAMENTO NA QUINTA. DEISE SILVA QUER DENUNCIAR O CASO AO MP

para retirar o útero, atingido pelo câncer. Depois de se recuperar da operação, ela foi orientada pelo médico a fazer radioterapia para evitar que o câncer migrasse para o fêmur. Depois de esperar três meses para começar o tratamento, a radioterapia foi interrompida na quinta sessão. Ao chegar ao HBDF, ela foi mandada de volta para a casa e orientada a telefonar para saber quando o aparelho estiver consertado. Ma-

ria da Glória precisa de 25 sessões de radioterapia.

“A gente se sente órfã e desesperada. Perdi minha mãe, irmã e tio, de câncer. A gente se apegou nas esperanças, mas diante do que estamos vendo, paramos de acreditar. Nossa doença é uma corrida contra o tempo”, lamenta Maria da Glória. Na última quinta-feira, ela procurou a Comissão de Direitos Humanos da Câmara Legislativa e

denunciou o descaso. Até o final da semana, Maria da Glória e a amiga Deise Silva, 42 anos, vão até o MP. Deise, que tem câncer de mama, quer denunciar a demora em receber resultados de exames e começar o tratamento de radioterapia.

De acordo com o subsecretário de Atenção à Saúde, Milton Menezes, a Secretaria de Saúde deve receber até amanhã uma posição da empresa responsável

pelo conserto da peça para que possa tomar as providências necessárias. “Se a peça ficar pronta em até dois dias vamos aguardar o conserto e dar continuidade ao atendimento. Se demorar mais que isso, vamos encaminhar os pacientes para Anápolis”, explicou o subsecretário. A Secretaria de Saúde informou ainda que, se for preciso, funcionários farão plantões para não prejudicar os pacientes que estão agendados.

Contra o tempo

Segundo a chefe da radiologia do Instituto Brasileiro de Controle do Câncer (IBCC), Sílvia Stuart, o acelerador linear pode ser utilizado em pacientes em diferentes níveis da doença: para eliminar células potencialmente tumorais (depois que algum órgão ou tecido com câncer foi retirado), erradicação do câncer (diretamente em órgãos com tumor) ou, de forma paliativa, para oferecer conforto ao indivíduo que passa por tratamento. De acordo com Sílvia Stuart, quando o paciente está em um estágio avançado de câncer, interromper o tratamento por mais de uma semana pode causar danos irreversíveis à saúde. “Se o tratamento não é executado em um prazo razoável, pode haver piora do paciente e perde-se o controle da cura”, diz a especialista.

No Distrito Federal, o Hospital de Base é o único da rede pública de saúde que possui um aparelho de acelerador linear e outro de rádio cobalto, utilizados em pacientes que fazem radioterapia. De acordo com a promotora Cátia Gisele Vergara, da promotoria de Defesa da Saúde, o problema é crônico e precisa ser solucionado com urgência. “Os problemas são frequentes, cada dia é uma coisa que quebra. É insuportável a situação de o DF não ter outros centros de tratamento para os pacientes com câncer”, disse a promotora. Ela lembra que entre os 18 equipamentos que estão encostados no Hospital Universitário de Brasília (HUB) à espera da construção do centro de radioterapia, está um acelerador linear.

MEMÓRIA

18 de Março de 2007

Técnicos da multinacional alemã Siemens foram ao Hospital de Base do Distrito Federal (HB/DF) consertar o único acelerador linear de toda a rede pública, máquina responsável pelo atendimento de 84 pacientes por dia. Era a segunda vez que o aparelho, comprado por R\$ 1,6 milhão, quebrava em menos de três semanas. A perícia detectou que “o defeito foi provocado por ataque de

roedores (ratos) à fiação do equipamento”.

19 de Março de 2007

Reportagem do Correio denuncia que além de ratos, goteiras, aparelhos quebrados ou sobrecarregados e filas para atendimento, os pacientes com câncer que dependem de tratamento na rede pública do DF sofrem também com a burocracia. Em julho, completam 34 meses que os 18 equipamentos de radioterapia

encaixotados num galpão do Hospital Universitário de Brasília (HUB), alguns deles idênticos aos que estão quebrados no HB/DF, aguardam utilização.

Junho de 2007

Pacientes do DF que necessitam de cirurgias para a retirada de tumores buscam tratamento em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro e até mesmo em centros menores, como Anápolis (GO) e Ubera-

ba (MG). O motivo: nenhum hospital da capital federal tem o equipamento de radiocirurgia, necessário para a cura de diversos tipos de tumores, como o cerebral.

8 de Julho de 2007

Com base no contrato que determina a instalação dos 18 equipamentos de radioterapia encaixotados no HUB num prazo de 6 meses, a partir do momento da compra, o Tribunal de Contas da União

(TCU) começou a analisar uma ação para a destinar as máquinas ao tratamento de pacientes com câncer em outros hospitais do DF. Entre os aparelhos, que custaram R\$ 2,6 milhões aos cofres públicos, estão um acelerador linear, aparelho quebrado no HB/DF, e o moderno sistema de braquiterapia de alta dose, máquina usada no combate ao câncer de colo de útero, que nenhum hospital do DF possui.

13 de julho de 2007

Acordo fechado entre a Universidade de Brasília (UnB), o Ministério da Saúde, os ministérios públicos Federal (MPF) e do Distrito Federal (MPDF), a Secretaria de Saúde do DF e o Instituto Nacional do Câncer garante a permanência temporária das 18 máquinas na UnB por “razões técnicas”. O MPDF espera uma decisão definitiva do TCU sobre o destino dos aparelhos até o fim desta semana.